



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRAS DE HOJE

Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language

Letras de hoje Porto Alegre, v. 57, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2022
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2022.1.43371>

SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Sob a verificação do discurso midiático: subjetividades segregadas

Under the verification of the media discourse: segregated subjectivities

Bajo la verificación del discurso mediático: subjetividades segregadas

**Fernanda Fernandes
Pimenta de Almeida
Lima¹**

orcid.org/0000-0002-1924-4780
ffpalima@ol.com.br

Valdivino Pereira

Mendanha Júnior¹

orcid.org/0000-0002-0572-4695
valdivinojunior1@gmail.com

Recebido em: 15 jun. 2022.

Aprovado em: 18 set. 2022.

Publicado em: 17 nov. 2022.

Resumo: O presente artigo desdobra um olhar sobre a notícia policial jornalística, à luz da Análise do Discurso francesa e dos estudos sobre gêneros discursivos. Entre alguns autores que fundamentam nossa discussão, Foucault (2002a, 2002b, 2008) e Quinalha (2017) postulam percepções sobre a relação entre o sujeito e o seu lugar histórica e simbolicamente marcado nos discursos. Entre os dados coletados, constituídos por um conjunto de notícias extraídas da mídia nacional, veiculadas em jornais impressos, nos anos 1980, e digitais, na atualidade, analisamos uma notícia de 1984. Observamos como os sentidos de crimes cometidos contra homossexuais eram enunciados pela mídia brasileira e como inscreviam, de modo regulador e capcioso, esses sujeitos em um processo identitário de discriminação e marginalidade. Ponderamos como os discursos se alinham, entre passado e presente, em uma dada regularidade, e como retomam, cotidianamente, efeitos de exclusão do homossexual, na medida em que, em sua estrutura, lhe assinalam um lugar de enunciação segregado em estereótipos. O enunciado midiático, portanto, é o objeto a se perscrutar em suas condições de produção, para que se torne possível desmistificar sentidos incrustados na opacidade de suas notícias sobre homossexuais assassinados. Somamos a isso uma reflexão sobre o papel da escola ante as questões de gênero e sexualidade, bem como sobre a transversalidade desse tema no campo da educação, especialmente, em diretrizes curriculares oficiais. Afinal, ao lermos essas notícias, estamos em uma constante busca para entendermos o olhar que elas lançam sobre o homossexual e que, de modo gradual, empreendem uma história sobre sua existência em diferentes esferas sociais. Trata-se de um jogo enunciativo de poder que enreda o homossexual em uma visibilidade conflitante, segregada e silenciada pela violência, ao instituir sentidos que, particularmente, aprimoram sua exclusão e sua humilhação.

Palavras-chave: notícia; discurso; subjetividade; discriminação.

Abstract: This article unfolds a look at journalistic police news, in the light of French Discourse Analysis and studies on discursive genres. Among some authors that support our discussion, Foucault (2002a, 2002b, 2008) and Quinalha (2017) postulate perceptions about the relationship between the subject and its historically and symbolically marked place in discourses. Among the collected data, consisting of a set of news extracted from the national media, published in printed newspapers, in the 1980s, and digital ones, today, we analyzed a news item from 1984. We observed how the meanings of crimes committed against homosexuals were enunciated by the media Brazilian society and how they inscribed, in a regulatory and captious way, these subjects in an identity process of discrimination and marginality. We ponder how the discourses are aligned, between past and present, in a given regularity, and how they resume, on a daily basis, the effects of exclusion of the homosexual, insofar as, in their structure, they indicate a place of enunciation segregated in stereotypes. The media utterance, therefore, is the object to be scrutinized in its conditions of production, so that it becomes possible to demystify meanings embedded in the opacity of its news about murdered homosexuals. We add to this a reflection on the role of



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG), Inhumas, GO, Brasil.

the school in the face of gender and sexuality issues, as well as on the transversality of this theme in the field of education, especially in the official curricular guidelines. After all, when we read these news, we are in a constant search to understand the look they cast on the homosexual and that, gradually, undertake a story about their existence in different social spheres. It is an enunciative game of power that entangles the homosexual in a conflicting visibility, segregated and silenced by violence, by instituting meanings that, in particular, enhance their exclusion and humiliation.

Keywords: news; discourse; subjectivity; discrimination.

Resumen: Este artículo despliega una mirada a las noticias policiales periodísticas, a la luz del Análisis del Discurso francés y de los estudios sobre géneros discursivos. Entre algunos autores que sustentan nuestra discusión, Foucault (2002a, 2002b, 2008) y Quinalha (2017) postulan percepciones sobre la relación entre el sujeto y su lugar marcado histórica y simbólicamente en los discursos. Entre los datos recopilados, consistentes en un conjunto de noticias extraídas de los medios de comunicación nacionales, publicadas en periódicos impresos, en la década de 1980, y digitales, hoy, analizamos una noticia de 1984. Observamos cómo los significados de los delitos cometidos contra homosexuales fueron enunciados por los medios de comunicación de la sociedad brasileña y cómo inscribieron, de forma reglamentaria y captiva, a estos sujetos en un proceso identitario de discriminación y marginalidad. Reflexionamos sobre cómo los discursos se alinean, entre pasado y presente, en una determinada regularidad, y cómo retoman, en el día a día, los efectos de exclusión del homosexual, en la medida en que, en su estructura, indican un lugar de enunciación segregado, en estereotipos. El enunciado mediático, por lo tanto, es objeto de escrutinio en sus condiciones de producción, de modo que sea posible desmitificar significados incrustados en la opacidad de sus noticias sobre homosexuales asesinados. Agregamos a esto una reflexión sobre el papel de la escuela frente a las cuestiones de género y sexualidad, así como sobre la transversalidad de esta temática en el campo de la educación, especialmente en las orientaciones curriculares oficiales. Al fin y al cabo, cuando leemos estas noticias, estamos en una búsqueda constante por comprender la mirada que lanzan sobre los homosexuales y que, poco a poco, emprenden un relato sobre su existencia en diferentes ámbitos sociales. Es un juego enunciativo de poder que enreda al homosexual en una visibilidad conflictiva, segregada y silenciada por la violencia, al instituir significados que, en particular, potencian su exclusión y humillación.

Palabras clave: noticia; discurso; subjetividad; discriminación.

Introdução

O ponto de partida deste trabalho traduz "um sentimento de impaciência frente ao 'natural' com que a imprensa, a arte, o senso comum mascaram continuamente uma realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos não deixa de ser por

isso perfeitamente histórica" (BARTHES, 1993, p. 7). Deprendemos, dessas palavras, que carecemos de problematizar práticas discursivas midiáticas que, massivamente, tentam, por meio do discurso, naturalizar os sentidos que mobilizam. Com finalidades obscuras aos sujeitos em situação de vulnerabilidade social e sob a égide de uma realidade forjada por jogos de verdade, a mídia conduz um olhar sobre o homossexual em um momento da história da sociedade brasileira.

Se "língua e discursos são indivisíveis, pois eles deslizam segundo o mesmo eixo de poder", conforme observa Barthes (1989, p. 31), vemos na materialidade linguística da notícia o poder de produzir sentidos, identidades, entre outras "naturezas". Assim, propomos discutir neste artigo os sentidos de uma notícia policial, veiculada em um jornal da década de 1980, sobre crimes cometidos contra homossexuais.

Trata-se de um estudo que aborda uma análise discursiva de uma notícia, cujos dados são relevantes para compreendermos como as identidades e as práticas sociais são produzidas por discursos que as constroem e que forjam subjetividades. Ao enveredar proficuamente sobre uma hermenêutica do sujeito, Foucault (1997, p. 107) discute a relação entre subjetividade e verdade e questiona como o sujeito foi estabelecido, em diferentes momentos e em diferentes contextos institucionais, como objeto de conhecimento possível, desejável ou até mesmo indispensável. Questionamos, desse modo, o que nos permite consumir o gênero notícia de modo que o entendimento não nos permita cair na armadilha de sua tentativa de naturalização do sentido e/ou de naturalização da subjetividade. Sob o jugo de posicionamentos, valores e (pré)conceitos que possivelmente tornam os sujeitos cativos àquilo que a mídia enuncia, temos na notícia um gênero que orienta, que conduz e que forja posicionamentos.

As notícias que embasam esta reflexão fazem parte de um conjunto de dados que materializam uma identidade para os homossexuais que sofreram agressões, que foram constantemente vítimas de assassinatos e de outros crimes.

São notícias que não podem ser lidas de modo isolado, porque juntas constroem uma unidade significativa de sentido, uma regularidade enunciativa, uma formação discursiva homofóbica, cujos efeitos de sentidos afetam os gays até os dias atuais em nossa sociedade.

Buscamos entender por que os sentidos remissivos aos homossexuais foram orientados a inseri-los no campo de uma anormalidade, de um lugar estranho à sociedade. Objetivamos, com isso, observar como a notícia policial produz uma regularidade enunciativa homofóbica em enunciados veiculados em jornais impressos da década de 1980. Entre algumas notícias coletadas de jornais que apresentam crimes contra homossexuais, as regularidades enunciativas emergem e constituem uma formação discursiva cujos efeitos de sentido regulamentam a homofobia no discurso midiático daquela época.

O pressuposto teórico que orienta esta reflexão é a Análise do Discurso de vertente francesa, em diálogo com conceitos remissivos aos estudos bakhtinianos sobre gêneros discursivos. Interpretamos, nesta concepção, uma notícia policial do ano de 1984, veiculada no jornal carioca *O Dia*, que traz, em seu discurso, um olhar sobre o homossexual inscrito em uma identidade marginalizada e subalternizada. Analisamos, assim, o discurso como objeto de história, retomando a necessária relação que há entre as práticas discursivas sobre a homossexualidade e a notícia jornalística. Com isso, somos instados a questionar se a notícia policial, enquanto viés de transmissão entre práticas sociais e discursos, produz estereótipos à identidade do homossexual e tenta investir-lhe, por sua regularidade enunciativa, uma "anormal" subjetividade que se pretende verdadeira.

As notícias que retratam crimes contra homossexuais constituem dispositivos de poder que inserem o homossexual em conflitos e impasses que acompanham seus movimentos e suas posturas na sociedade. Tudo isso forja o advento de sua existência, o que tem sido acompanhado por tensões e tragédias que, na atualidade, ainda o aprisionam entre os limites de enunciados homofóbicos.

No campo militante do discurso: entrelaçamentos teóricos

Quando estudamos o discurso midiático, faz-se mister pesquisar sobre alguns conceitos que definem o discurso e seus efeitos de sentido. Para Fernandes (2008, p. 11), "discurso implica uma exterioridade à língua encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos empregados nas palavras quando elas são pronunciadas". É nesse lugar social que as notícias que analisamos ganham voz e se materializam no discurso da mídia impressa ou digital. São notícias que têm marcadamente registradas em seus sentidos questões ideológicas sobre a identidade dos homossexuais.

Identidade aqui não corresponde a uma natureza fixa e estável, mas define-se em sua pluralidade, como identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, ou seja, como algo que se forma e se transforma segundo as representações de uma dada cultura (HALL, 2006, p. 46). Assim, não são meras palavras que norteiam as manchetes e suas notícias, mas efeitos de uma sociedade que lança seus estereótipos aos sujeitos discursivizados. Nesses termos, podemos afirmar que os discursos têm suas movências, sofrem transformações, acompanham as mudanças sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana (FERNANDES, 2008, p. 14).

Sabemos que a sexualidade, embora seja objeto de pesquisas, em várias esferas sociais, ainda é um tema silenciado. Consiste, por isso, em uma interrogação que nos convoca a refletir sobre as práticas e os discursos que a tornam instrumento de subjetivação e de poder. Segundo Foucault (2010, p. 56), muito mais do que um elemento do indivíduo que seria excluído dele, a sexualidade é constitutiva dessa ligação que obriga as pessoas a se associar com sua identidade na forma da subjetividade. Alguns sentidos que lhe são atrelados foram modificados de acordo com mudanças sociais e com discursos que reafirmam mudanças, por vezes inscritas na literatura, na mídia, nas leis etc., embora não sejam discutidas comumente sob o peso de seus interditos.

No campo da educação, ainda há resistência em se discutir esse assunto e seus conceitos. Nas diretrizes curriculares, entra em cena como um tema transversal. Na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), o termo "sexualidade" tem duas ou três ocorrências. Destacamos o trecho a seguir, extraído da área de Ciências da Natureza, em que há uma menção à sexualidade humana no Ensino Fundamental.

[...] Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2018, p. 327).

Não há aprofundamento sobre seu registro na BNCC, ainda que esteja lá como "assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária" (BRASIL, 2018, p. 327), o que dá indício à superficialidade com que é discutido na escola. As menções a esse tema estão relacionadas à saúde e aos cuidados do corpo, como é percebido na citação anterior, o que não é um problema, haja vista a possibilidade de ser discutido com certa naturalidade.

Na disciplina Ciências do oitavo ano do Ensino Fundamental, há uma habilidade que cita a necessidade de se discutir as dimensões da sexualidade humana fora do âmbito apenas biológico, conforme observamos: "(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)" (BRASIL, 2018, p. 350). Com isso, abre-se uma possibilidade para que as questões socioculturais, afetivas e éticas entrem no cenário da sala de aula, ou de materiais didáticos que problematizem sua reflexão. Mais adiante, na área de História, temos a habilidade *EF09HI26*, a ser mobilizada no nono ano do Ensino Fundamental, que prescreve o seguinte objetivo:

[...] Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de

paz, empatia e respeito às pessoas (BRASIL, 2018, p. 431).

Indagamos, com essa única menção da palavra homossexuais na BNCC, se temos alguma proposta, neste sentido, na área de Língua Portuguesa. Não temos, e o porquê disso não tem resposta.

Relacionar ensino e sexualidade não é tarefa fácil, pois falar sobre esse tema e suas diversas dimensões nos dias atuais, ainda, tem seus impedimentos. A interdição que é imposta a esse tema faz com que ele permaneça no limbo do "pecado" ou da "imoralidade", à sombra de um sentido atrelado a questões imorais. Ao discuti-lo no meio acadêmico, pensamos na possibilidade de se atenuar o peso de sua negação e, no caso da Educação Básica, de se atenuar a resistência, uma vez que a própria BNCC coloca-o como um tema limitado e, talvez, dispensável para a formação do sujeito escolar, cujos discursos têm regularidades vigiadas. Eles obedecem a certas condições e modos de recorrências, findam em repetibilidades situadas em dada ordem de sentidos.

Para ilustrar essas condições de existência dos discursos, bem como de suas regularidades, o conceito de formação discursiva, proposto por Michel Foucault (2008), fundamenta esse dado ao postulado dos estudos discursivos. Para o autor,

[...] no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, uma correlação, posições e funcionamentos, transformações diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.) (FOUCAULT, 2008, p. 43).

O conceito de formação discursiva é provocativo ao entendimento de que os discursos obedecem a certa ordem institucional. Disso, depreendemos que eles recorrem em sua aparição, sedimentando sentidos de difícil desconstrução, pois vão ressignificando outros, e seguem uma linha no tempo e no espaço que lhes dão existência. Segundo Pêcheux e Fuchs (1993, p. 11), os discursos "compreendem necessariamente,

como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito". Entendemos, assim como os autores, que esses discursos dependem de condições de produção específicas e identificáveis, que se caracterizam pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de momentos e lugares histórica e socialmente diversos.

Os discursos inscritos na mídia sobre os homossexuais não fogem a uma ordem enunciativa que os caracteriza e os reveste em uma linha preconceituosa de identificação. Esse processo de identidade entre os discursos mobiliza uma história que embasa a sua enunciabilidade, afinal todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem integrantes de outros discursos (FOUCAULT, 2008). As notícias analisadas, especialmente suas manchetes, despertam um olhar diferenciado sobre o seu leitor, como um enunciado que provoca impacto pelo modo como se materializa na linguagem.

De acordo com Fernandes (2008, p. 41-42), "um enunciado enquanto estrutura linguística implodirá sob o olhar do analista, pois, de opaco, torna-se cheio; de tão coletivo, torna-se particular; de agente, pode tornar-se objeto (e vice e versa)". Assim, os sentidos migram e se transformam na mobilidade do olhar que se situa socialmente. Para Foucault (2008), é necessário que compreendamos o enunciado na singularidade de sua aparição, para que possamos determinar as condições de sua existência, fixar seus limites, estabelecer suas correlações com outros enunciados aos quais podem se ligar, e mostrar que outras formas de enunciação excluem. Obviamente, há um jogo de sentidos e finalidades que engendram jogos de verdades sobre o homossexual em sua relação com os discursos.

Sob o efeito paramétrico da "normalidade": corpo e discurso

Com o advento da ascensão do Cristianismo, a humanidade mudou o modo com o qual ela encarava as questões ligadas ao sexo e ao corpo. Foucault (2002a) pontua que:

[...] até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos [...] regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal [...]. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereceriam de qualquer modo condenação (FOUCAULT, 2002a, p. 38-39).

É possível, nesse sentido, definir que as questões ligadas ao corpo foram perpassadas por outros discursos, como o religioso que deu um tom moralizante aos discursos remissivos ao sexo. Quanto à escola, obviamente esse tom se estendeu à sua ordem institucional, aos ditames que asseguram seus preceitos.

Lima e Souza (2021, p. 152) observam que a escola exerce um protagonismo na constituição dos sujeitos, pois é um dos espaços mais significativos ao seu posicionamento social. Consoante os autores, é na escola que o sujeito é avaliado não apenas intelectualmente, ele é também "objeto de leitura e avaliação por parte do outro, é identificado pelo seu comportamento, pela interação que estabelece com o todo e pelas posturas que disciplinam seu corpo e sua aparência" (LIMA; SOUZA, 2021, p. 152-153). É na escola que o sujeito é convocado pela alteridade do coletivo e, na perspectiva da Análise do Discurso, ele é apreendido em seu espaço histórica e ideologicamente marcado, constituído por diferentes vozes sociais.

O corpo tem seu lugar na liça das discussões sociais e políticas. É mobilizado em lutas e protestos, é o corpo do gesto, é o corpo da fala, do grito e do silêncio. Há quem se diga proprietário do seu corpo, há quem diga que o corpo tem uma lei pessoal, uma regra própria. Contudo, o corpo é institucionalmente vigiado, suas regras e liberdade são controladas, mormente, quando é o corpo homossexual que está em voga. As questões relacionadas à liberdade do corpo, do corpo socialmente interditado, estão em uma seara melindrosa, pois, além dos discursos de ordem institucional moralizante, há uma pressão de adequação a padrões impostos socialmente.

O corpo hétero, magro ou musculoso, depilado,

não se estende a um modelo dado apenas ao homem, mas, e acentuadamente, à mulher. Ao longo do tempo, padrões e estereótipos transformaram-se, desconstruíram-se e reconstruíram-se. São mudanças de efeito, pois resultam de lutas e protestos, como a luta dos grupos LGBTQIA+ por direitos à união civil, à inserção no mercado de trabalho etc. São lutas que estão presentes em diferentes ordens de discursos cotidianos, atravessadas por processos de resistência que insistem em bifurcar posicionamentos assentados em extremos de "normalidade" e "anormalidade".

Enfim, são pejejas cotidianas que acompanham as transformações e os sentidos do corpo. Para Sohn (2008, p. 110), o corpo vai progressivamente se revelando fora dos padrões de "pureza" que outrora o discurso religioso impôs. Esses feitos foram percebidos, pois, novos discursos nasceram, como aqueles que povoam o mundo da moda e do turismo. Estes são campos de discursos que instauram suas próprias leis e estilos. A vestimenta, por exemplo, agrega um sentido ao corpo que dela faz uso. O corpo, aos poucos, vai se desnudando e sendo ressignificado a partir de diferentes lugares, com seus respectivos costumes e olhares.

Essas novas práticas levam a sociedade a uma visão do normal e do anormal guiada, obviamente, pelos discursos que produzem essas práticas. Com isso, o corpo desloca-se entre a castidade e a impureza, passando a transitar por outros sentidos que transpuseram a fronteira do olhar individual e encontraram o olhar coletivo, antes silenciado, que começa a exigir seu espaço, seu direito à voz. A acentuação dos novos dizeres sobre a sexualização do corpo, principalmente do corpo feminino, trouxe à luz um impacto na vida doméstica que, historicamente, subjugou um lugar para a mulher circunscrito às paredes de sua casa. Para o homossexual, isso não foi diferente. O seu lugar deveria ser recluso e o seu discurso silenciado, apagado, invisibilizado, nem sempre entre as paredes do seu lar, mas, pelos gestos de resistência levados à contraconduta das ruas.

O silenciamento da sexualidade motivado, em parte, por questões morais e de bons costumes,

na verdade, está aparelhado por ideologias políticas. Para Quinalha (2017, p. 41), isso se deve, em primeiro lugar, a valores e comportamentos propagados por determinada moral que são, sempre e necessariamente, de natureza política.

[...] A hegemonia de determinados padrões de conduta que define o que é aceitável é fruto de determinada distribuição social do poder. Deste modo, ainda que com outra linguagem, a moral é profundamente política e pode soar artificial o intento de separá-las sem as devidas ressalvas. Em segundo lugar, sob um regime autoritário com pretensão de controle total da vida social, é possível pensar que a moral é politizada a um nível ainda mais acentuado, alçada a instrumento direto e sem mediações da violência estatal (QUINALHA, 2017, p. 41).

Os discursos sobre sexualidade, em leis e decretos, podem, em alguns casos, afirmar preconceitos ou, em outras situações, direitos básicos. No Brasil, desde o ano de 2013, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legal. Portanto, nenhum cartório pode negar a realização da celebração, todavia, em diversas partes do mundo, temas como sexo ou sexualidade podem ser assuntos interditados por lei. A homossexualidade ainda é crime em mais de sessenta países do mundo, segundo uma reportagem divulgada pela *BBC* em 21 de abril de 2021. São dados recentes que mostram que a interdição referente à expressão da homossexualidade, ainda, é uma realidade na vida de milhões de pessoas. Essas proibições dialogam com questões ligadas à moral e, em muitos casos, estendem-se ao campo jurídico, como acontece em alguns países do Oriente Médio, onde a homossexualidade é punida desde uma multa que se aplica, até as mais severas punições, como a prisão perpétua e a pena de morte.

Quinalha (2017), em seus estudos sobre a homossexualidade no período da Ditadura Militar, assinala que "apesar da ausência de legislação expressa criminalizando orientações sexuais não normativas, diversos outros tipos penais foram abundantemente mobilizados para enquadrar os homossexuais e coibir a sua existência aberta" (QUINALHA, 2017, p. 172). Com isso, vemos o apagamento dos direitos das pessoas LGBTQIA+,

mais acirradamente, em um passado não muito distante.

Quando crimes contra homossexuais acontecem, há, por parte da mídia, uma representação estereotipada desse grupo, uma modalização enunciativa que não desperta a sensibilidade no leitor. O preconceito enraizado na sociedade trata de silenciar a comoção sobre um LGBTQIA+ agredido ou morto. É um a menos que, para muitos, indiferentemente, não faz falta. A existência de uma sexualidade não "padrão" rompe com o que muitos chamam de moral. Quando um homossexual se posiciona, quando usa seu corpo como ato de resistência, de militância, de manifesto, de negação a uma ordem coercitiva à sua existência, essa postura torna-se um movimento político, produz novos discursos e, em seu esteio, novas práticas. Esse controle, certamente atende a demandas de julgamentos que devem invisibilizar o homossexual. Há todo um processo que administra a existência do homossexual em prol de uma majoração coletiva.

Pelo fato de as leis que asseguram direitos aos homossexuais no Brasil serem relativamente recentes, há pouco mais de vinte anos, ações violentas e mortes contra lésbicas, gays, travestis e transsexuais constituíam matérias comuns na mídia. O sensacionalismo com que eram tratados os casos, de certo modo, reduzia o impacto da notícia ou deixava um ar de desdém sobre o fato. Esse tipo de enunciado, com efeitos de desmoralização das mortes e agressões com as pessoas LGBTQIA+, trouxe para a sociedade vários estigmas preocupantes, como o de que a vida das pessoas heterossexuais vale mais que a vida de pessoas de outros grupos, cuja sexualidade não está situada no que se entende como padrão.

Nas palavras de Foucault (2002a, p. 26), por volta do século XVIII, houve um afloramento da sociedade para saber mais sobre sexo. Essa nova perspectiva levaria em conta fatores que não estavam centrados na teoria geral da sexualidade, mas, em uma preocupação em entender melhor as questões relacionadas ao sexo. O objetivo era gerar novos discursos que não estariam relacionados à moral e sim à racionalidade. Com isso, os

parâmetros sociais de normalidade e anormalidade poderiam ser ressignificados, repensados ou desconstruídos.

Com o passar do tempo, movimentos ativistas, conflitos e tensões permitiram que a homossexualidade fosse encarada de forma mais natural pelas pessoas. No entanto, mesmo com alguns avanços, ainda hoje existem repressões, mortes e perseguições contra aqueles considerados "anormais". O que norteia esse sentido de "anormalidade", além de toda uma história de exclusão e silenciamento, podem ser, ainda, efeitos produzidos pelos discursos do campo jornalístico-midiático que costumavam caricaturizar o homossexual, perpetuando-lhe sentidos de fragilidade, imoralidade, humor e insanidade, conforme a notícia analisada a seguir. São condições que traduziam um misto que se impunha à identidade do homossexual, fugidia de paradigmas heteronormativos.

O crime da notícia: gêneros em discurso

Analisamos uma notícia dentre onze notícias coletadas, intercalando um diálogo com o desdobramento conceitual do postulado discursivo aqui abordado. Iremos nos ater a algumas pausas reflexivas – no cerne dessa análise – que retomem o prisma da Análise do Discurso e de sua transdisciplinaridade, considerando a definição de gêneros discursivo, em específico, sua extensão à noção de notícia jornalística policial.

Na definição de Bakhtin (2003, p. 262), gêneros do discurso são "tipos relativamente estáveis de enunciados", que materializam, por meio de um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo, enunciados diversos que condicionam a interação entre os sujeitos. Considerando esta acepção, o gênero notícia materializa-se na língua e, por sua vez, em seus enunciados, move as práticas cotidianas da diversidade social.

Segundo Benassi (2007), uma notícia é potencialmente alvo de uma investigação jornalística, porém nem todo texto jornalístico será noticioso. Para o autor,

[...] a notícia é [...] a matéria-prima do Jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado

ou evento socialmente relevante que mereça publicação numa mídia. Fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e outros podem ser notícia se afetarem indivíduos ou grupos significativos para um determinado veículo de imprensa (BENASSI, 2007, p. 1793).

A sentença condicional – *se afetarem indivíduos ou grupos significativos* – já induz a um entendimento sobre a finalidade da notícia. Noticiar o fato jornalístico de modo sensacionalista tem certo peso sobre os sentidos que mobilizam, para certos grupos, especialmente quando estes são constituídos por posicionamentos ideológicos conservadores. Por extensão, a notícia policial

instaura uma relação de singularidade entre as práticas sociais de violência e sua materialidade enunciativa.

O lide que identifica as notícias policiais não foge ao modelo das notícias comuns. A sequência de questões norteadoras da notícia policial, qual seja: *quem?*, *o quê?*, *quando?*, *onde?*, *como?* e *por quê?*, devido às nuances ideológicas remissivas ao comportamento e à identidade de grupos marginalizados, pode ser complementada com um *para quem?*. Isso possivelmente identificaria o público leitor que, de certo, influenciaria no modo como as notícias policiais são enunciadas.

Figura 1 – Notícia 1: Abatido o 3º gay



Fonte: *O Dia* (1984)²

A notícia 1 – “Abatido o 3º Gay: Estão Matando os Travestis a Tiro” – segue com o texto:

[...] Em menos de 60 dias três travestis foram abatidos a tiros nesta capital e a Polícia acredita na hipótese de estar sendo desenvolvida uma verdadeira caçada aos homossexuais que – por alguma razão misteriosa – incorreram no ódio de alguém ou de uma quadrilha [...] (ABATIDO..., 1984, p. 4).

Extraída do jornal *O Dia*, de 19 de novembro de 1984, a notícia 1 retrata o modo corriqueiro como os travestis estavam morrendo naquela época. Além da violência que o texto apresenta, o efeito de agressividade com o qual o jornal enuncia

o fato também está posto. As escolhas lexicais do título – *ABATIDO O 3º GAY* – desumanizam as vítimas do crime contabilizadas em ordem numérica. O corpo do texto fundamenta seu título, pois, logo nas primeiras linhas, o editor conta que, em menos de sessenta dias, três travestis foram “abatidos”. Ou seja, o sentido das palavras que foram escolhidas para a escrita do texto ratifica a insignificância do crime para a sociedade.

Remetemos essa suposta insignificância a duas possibilidades materializadas na ordem discursiva do enunciado: primeiramente porque *abater*, na forma nominal e adjetivada do participio *abatido*, tem o sentido de matar que, nos dicionários, é

² Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com/2012/11/os-sombrios-anos-da-peste-gay.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

remissivo a matar animal doméstico ou aves. *Abatido* refere-se ao terceiro homossexual morto, entre três homossexuais cujas mortes foram também abordadas na mesma notícia, com a ideia de ser apenas um suposto "animal" que se abate. Em segundo lugar, por ser esta morte antecedida, no título da notícia, pelo número ordinal 3º (terceiro) que dá sequência a uma quantidade. É algo que se diz em via de uma espetacularização que, apenas, quantifica um "abate", que contabiliza a morte de gays. Outrossim, não é algo novo, é uma sequência dada a um fato já conhecido da população.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2002b) discorre sobre a exposição dos corpos humilhados ou mutilados em praça pública que, além de constituírem a cena de um espetáculo, expressavam uma espécie de controle social. A execução seria algo espetacular para um determinado grupo social. Em outras palavras, o título da notícia aborda o efeito de um espetáculo que se soma à notícia sobre um homossexual a menos. Guy Debord (2003, p. 14) entende que o espetáculo é, ao mesmo tempo, parte da sociedade, a própria sociedade é o seu instrumento de unificação. Assim, "ele não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas mediatizadas pelas imagens" (DEBORD, 2003, p. 14). Com isso, o enunciado não apenas desmoraliza os travestis, mas desconstrói sua existência humana, em detrimento de mortes que transitam entre o sensacionalismo e a espetacularização de sua (in)visibilidade para a sociedade.

Uma verdadeira caçada aos homossexuais, em sua ordem enunciativa, oferece ao leitor o cabuloso termo *caçada*, como um signo comum e corriqueiro a esse tipo de acontecimento discursivo no campo jornalístico-midiático. Em sua materialidade, *caçada* não tem destaque, nem aspas, é o termo dado pelo jornal, cujos posicionamentos também estão implicados no modo como o crime é noticiado. *Caçada* associa-se à animalidade que, por sua vez, intima o homossexual para essa condição de enunciabilidade e de identidade.

Assim, analisar o discurso faz-nos compreen-

der como esse enunciado permite ao leitor "consumir" a aparente naturalidade de seus efeitos de sentido. Como assegura Foucault (2008, p. 55), não devemos tratar os discursos apenas como conjuntos de signos, elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Para além, o que os discursos fazem é mais que utilizar os signos para designar coisas. "É esse 'mais' que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Aqui não se pode remeter *caçada* a um significado imanente, exaurido de sentidos remissivos ao verbo caçar, mas, para além, remetemo-lo a práticas que formam objetos aqui problematizados, as notícias que veiculam crimes contra homossexuais. São notícias que constituem uma ordem de discursos marcada pela produção disciplinar do sujeito, construído para atender à heteronormatividade social.

Na ordem noticiada do crime contra gays, o poder disciplinar ecoa sua voz. Quanto a isso, Foucault (2002b, p. 119) observa que "o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe" e, assim, traduz como as práticas disciplinares constituem uma tecnologia de poder e operam através do corpo. Embora a ascensão da disciplina como tecnologia de poder remeta ao século XIX, os hábitos e os padrões de comportamento sempre se debulharam entre as diferentes temporalidades e esferas sociais, e a mídia é uma delas.

Sabemos que não são as notícias que matam, que coagem, que mutilam, mas são elas que traduzem o hábito corriqueiro de uma sociedade que intima a disciplina e a docilidade para o corpo. Então, descrevemos essas sobras de sentidos como irredutíveis ao campo significativo que a notícia nos dá, e que se estendem ao lugar enunciativo do homossexual na sociedade brasileira àquela época e em sua reatualização. Não se caça apenas o bicho, o animal bruto, o animal selvagem, caça-se aqui um ser humano, desumanizado pela notícia, embrutecido e viti-

mado pelo crime que lhe fora cometido.

Nesses termos, indagamos com Foucault (2008, p. 113),

[...] poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço?

A voz que enuncia a notícia traduz posicionamentos, escolhas enunciativas e, com isso, dá a perceber que a manchete não retrata apenas um crime, mas também um posicionamento jornalístico do qual se partilha pelo modo como enuncia. Esse tipo de abordagem a respeito do homossexual nos jornais da década de 1980 era recorrente.

Segundo Quinalha (2017, p. 138):

[...] a maior parte das publicações da imprensa "marrom", expressão usada para referir a veículos sensacionalistas, publicava matérias ou reportagens sobre sexualidades dissidentes, de modo a reproduzir visões estereotipadas e estigmatizantes. Geralmente, homossexuais e travestis eram associados à criminalidade e, com frequência, apareciam nas páginas policiais, seja como vítimas ou como suspeitos.

Em outras palavras, referir-se ao crime seria demarcar um posicionamento, uma imagem sobre o homossexual, partilhar de sentidos a ele impostos pela sociedade da época. Ou seja, reproduz-se aí uma postura, uma conduta que desumaniza o homossexual, alheia a qualquer senso humanitário. Em face desse discurso, resistem o estereótipo, a exclusão, o apagamento e o silenciamento do gay em notícias que respeitam fielmente a estável ordem heteronormativa, esta que segrega a sociedade de grupos que, prepotentemente, podem consistir em uma "ameaça".

Considerações finais: a saga continua

Este trabalho constituiu-se em mais uma etapa de uma jornada acadêmica que envolveu estudo, pesquisa, coleta e análise de dados e reflexão. Os questionamentos que foram levantados aqui levaram em conta o meio social de produção de notícias policiais jornalísticas, cuja temática

volta-se à violência sofrida por homossexuais. Ocupamo-nos desse objeto de estudo, tentando entender, ademais, como o poder discursivo-midiático atua sobre a existência do homossexual, no lugar de marginalização que ocupa nas notícias aqui coletadas.

Para tanto, partimos do princípio de que "todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos" (BRASIL, 2018, p. 397). Isso diz muito sobre a relevância de se discutir o presente, como um reflexo, possivelmente, do que tivemos ou herdamos de um passado não distante.

Analisar o discurso, nesse contexto, traduz o incômodo que a invisibilidade de certas condições de existência em nossa área nos causa. Sabemos que o campo educacional constitui um *locus* para que discutamos práticas sociais que, ainda hoje, se fundamentam na violência, no negacionismo, na discriminação e no desequilíbrio social que marginalizam e humilham o sujeito. A notícia aqui estudada engendra um modo de vida para o sujeito homossexual, julgado em suas mazelas de morte e agressão, a partir das próprias manchetes. Esse tipo de crime está na base de uma produção disciplinar do homossexual.

São notícias em número e números em notícias que saltam ao olhar de leitores que acessam as redes e a grande mídia hipertextual. Assim, com este trabalho, não nos limitamos a entender o teor da notícia enquanto gênero que liga práticas sociais e linguagem, mas como um caminho para desnudar preconceitos que nos dias de hoje permeiam a sociedade brasileira e a esfera escolar.

Não é raro vermos manchetes, remissivas à violência no espaço escolar, nas salas de aulas ou na rua, em frente à saída da escola do bairro da cidade grande, ou do bairro da cidadezinha do interior, talvez, no lugar em que não chega o diálogo, ou em que não se ensina o diálogo sobre a aceitação da diferença, entre outros valores. Vez ou outra, somos expostos à mais uma notícia de espancamento, de morte, de humilhação, entre outros tipos de segregação. O discurso midiático funciona como um processo de biorregulação que produz sentidos individuais para os sujeitos

compelidos na coletividade. Entendemos que a notícia policial jornalística, especialmente, aquela que aborda essa temática deve ser problematizada na escola de modo representativo, em defesa de uma sociedade mais justa e de grupos insistentemente subalternizados por sua sexualidade e demais orientações, portanto, não menos dignos de serem trazidos à baila das discussões.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buengermino, Pedro de Souza. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero "notícia": uma proposta de análise e intervenção. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. *Anais* [...] Maringá: UEM, 2009. p. 1791-1799.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 jun. 2020.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Raitton Sousa Guedes. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002a.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder (1978). In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56-76. (Ditos & Escritos, v. V).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002b.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Fernanda Fernandes P. de A.; SOUZA, Sérgio Rodrigo de. Da somática do corpo ao corpo escolarizado: por um diálogo revisitado entre diversidade e sexuali-

dade. *Revista Antares*, [S. l.], v. 13, n. 30, maio/ago. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/ffpal/AppData/Local/Temp/g833-38587-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-162.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/publico/Renan_Honorio_Quinalha.pdf. Acesso em: 2 dez. 2021.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean- Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3. p. 109-154.

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), em Araraquara, SP, Brasil; pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em Campinas, SP, Brasil; mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, GO, Brasil. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Inhumas, GO, Brasil.

Valdivino Pereira Mendanha Júnior

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Inhumas, GO, Brasil. Professor da Educação Básica, em Inhumas, GO, Brasil.

Endereço para correspondência

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima/ Valdivino Mendanha Júnior

Universidade Estadual de Goiás

Av. Araguaia, 400

Vila Lucimar, 754000-000

Inhumas, GO, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.